

TEATRO DAS OPRIMIDAS PRETAS: ENCENADORAS DE SUAS LUTAS E PESQUISADORAS DE SUA ANCESTRALIDADE

ANA LÉCIA SANTOS FELIPE¹

RESUMO

Neste artigo contarei histórias. Falarei sobre as primeiras ações realizadas na oficina intitulada Teatro das Oprimidas Pretas ministrada por mim dentro da disciplina Estágio Supervisionado I com Encenação: práticas de montagem durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) em 2021. A oficina foi dividida em quatro etapas: o encontro das pretas; o processo criativo; a criação das microcenas e, por fim, o nascimento de *Gbogbo mi* que, no mesmo ano, foi contemplada no 1º Edital do Festival de Cenas Curtas da UESB. Autoras pretas caminham neste trabalho ao lado das participantes da oficina. Chamo-as de encenadora por se tratar de encenadoras de suas próprias histórias, como apontado por Bárbara Santos (2019), Djamila Ribeiro (2015) e Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Nas considerações finais, analiso o efeito da oficina entre as encenadoras, especialmente, entre minha mãe e minha vó que também estão em cena. Esta análise teve por base o conceito interseccionalidade de Carla Akotirene (2021).

Palavras-chave: Processo Criativo, Ancestralidade, Teatro, Feminismo Negro.

INTRODUÇÃO

Começo por contar histórias. Primeiro, a minha própria história. Chamo-me Ana Lécia, nome artístico Léssya Felipe, tenho 24 anos, sou itaquarense, filha única de Analice e uma entre quatro os(as) filhos(as) de José Raimundo, meu pai. Fui criada pelo meu avô Pompílio, conhecido

¹ Discente do curso de pós-graduação da UESB. annalessya1818@gmail.com



como Nengo e minha avó materna dona Delice, em um povoado chamado Vila Castelo Branco, vulgo Agência do Pau D'arco. Considero-me uma multi-artista desde criança, sempre fui apaixonada por Dança, Teatro e Música. Lembro que eu participava de todas as apresentações da escola, sempre criativa, transformava tudo o que via em textos, poesias, encenações, músicas e coreografias. Porém, minha infância me deixou marcas e dores profundas. Durante essa fase, comecei a receber diversas cobranças da sociedade racista² em que vivemos, o que me levou a odiar minha aparência. Assim como muitas crianças negras, fui obrigada a passar pelo processo de embranquecimento que começou pelo meu cabelo. De tanto eu ouvir que meu cabelo era feio, comecei a cobri-lo com uma toalha de banho, a qual dizia ser o meu cabelo liso e comprido. Com nove anos de idade passei a desejar procedimentos estéticos para modificar partes do meu corpo e implorava para minha avó comprar maquiagens para clarear a minha pele.

Eu não sabia o porquê de tudo aquilo estar acontecendo. As cobranças sobre minha aparência me deixavam com a autoestima baixa e me fazia negar e enterrar a minha verdadeira identidade. A toalha não era mais a solução, comecei então, ainda criança, a ter meus cabelos alisados por um ferro de passar. Esse procedimento doía muito, mas os olhares e as críticas doíam mais, eu queria sentir-me livre e aceita. Insatisfeita com o processo, com meus catorze anos fiz meu primeiro procedimento químico para alisar, a cada três meses passava aquele produto no meu cabelo. O cheiro era tão forte que todas as vezes, após a aplicação, eu sentia fortes dores de cabeça. Fiquei tão dependente que passei a reduzir o período recomendado, queria meu cabelo cada vez mais liso e com menos volume. Foi quando ele começou a cair, estava fraco de tanto produto químico. Entrei em desespero. Sem saber o que fazer, comecei a cuidar e

² Racismo é um pensamento, uma ideologia que justifica a organização desigual da sociedade ao afirmar que grupos raciais ou étnicos são inferiores ou superiores, em vez de considerá-los simplesmente diferentes (BRASIL, 2011, p.58).



parei de passar os produtos, porém continuei com a chapinha.

Seguindo a contação de história, vamos à segunda: a de Aimó³. Em 2018, com meus 19 anos de idade, ingressei no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Cheguei com a minha concepção de vida totalmente embranquecida. A academia, o contato com a diversidade, com mulheres pretas e com as relações étnico-raciais⁴ foi um novo mundo para mim. Isto me trouxe diversas coisas boas e somatórias, tanto para minha vida profissional, quanto pessoal.

Neste novo universo, matriculei-me na disciplina optativa, Dança Afro, mediada pela professora Vânia Oliveira que me convidou para participar do Grupo de Estudos e Danças Negras-Referenciadas (GEDAN). A docente têm suas investigações voltadas para as danças afro-brasileiras com aprofundamento nas pesquisas sobre a identidade negra. Nas aulas fazíamos práticas de dança, expressávamos corporalmente os estudos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras e os saberes do nosso povo, nossa cultura⁵. Foi uma experiência incrível e despertou em mim o desejo de buscar mais sobre conhecimentos sobre os meus e as minhas iguais, saber mais sobre mim mesma. Como resultado da disciplina, dia 30 de setembro de 2019, apresentamos o espetáculo *Aimó*⁶ (figura 1) no evento chamado Conferência: políticas de promoção da igualdade racial na Universidade Federal da Bahia.

³ Aimó significa: a menina que ninguém sabe quem é.

⁴ As relações étnico-raciais são entendidas como fatores formadores e (re)criadores de identidades, assim como fatores de transmissão de valores e troca de saberes que possibilitam a afirmação, expressão e resistência nos espaços sociais (GOMES, 2001).

⁵ O uso do pronome "nós" significa neste trabalho uma abertura para contemplar sujeitas/os ocupantes de grupos dos quais me sinto pertencente, como as/os artistas, as/os artistas, as mulheres, as pretas, as negras, além de ampliar a expansão e contemplação para todas aquelas/es que criam movimentos para políticas de vida.

⁶ O espetáculo, adaptação do livro *Aimó* de Reginaldo Prandi (2017) e dirigido pela Vânia Oliveira, teve sua estreia no dia 26 de Abril de 2018, com a turma do 4º Semestre de Licenciatura em Dança nos Seminários de Criação do Programa de Extensão Engenho de Composição da UESB, realizado no dia no Auditório Waly Salomão (Jequié-BA). Minha participação se deu na remontagem que aconteceu em 2019. A gravação da estreia está disponível no link: <https://youtu.be/SENhYBCqca4>

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.
VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS
I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO
CANTINHO DO GRIÔ

Figura 1: Viagem para a Universidade Federal da Bahia (UFBA) feita com o grupo GEDAN para apresentação de Aimó

Fonte: Jomir Gomes (2019)



O espetáculo foi remontado. Algumas pessoas que estavam no processo anterior, na primeira exibição em 2018, participaram novamente. Eu não atuei na primeira, mas sim na segunda versão. Por tratar de uma remontagem, antes de aprendermos as marcações, falamos do espetáculo e de outras coisas para situar os participantes. Vânia preparou o nosso corpo-voz para o processo, nos apresentou referências, vídeos e estudo sobre os Orixás, seus significados, trazendo para o corpo movimentos que os simbolizavam, uma bagagem de conhecimento ancestral.

Essa foi a minha primeira viagem até a UFBA, e a primeira apresentação feita fora da cidade de Jequié. Além da apresentação, esse evento fez com que eu conhecesse diversas referências pretas, uma delas foi a escritora e feminista brasileira Lélia Gonzales. Assisti um documentário sobre ela no cinema da universidade. Durante o vídeo, fiquei emocionada e comovida pela fala da escritora, seu



posicionamento, empoderamento enquanto mulher preta⁷. Refletir sobre as situações de racismo que sofri e sofria e como eu normalizava estas situações, achando inclusive que o erro estava em mim. A forma com que Gonzales pontua a importância do nosso conhecimento ancestral me fez sair do evento com uma sede de conhecimento voltado para o mundo da negritude feminina, desejando me debruçar sobre a temática e trazer minha vivência para dentro da pesquisa. Foi assim que comecei a desconstruir e reconstruir minha concepção sobre mim.

Terceira história: a de Bárbara Santos. Foi marcante na graduação as experiências vivenciadas na disciplina Estética do Oprimido que, na UESB, está na grade do curso de artes como disciplina obrigatória, o que considero de grande importância. Vale dizer que isso não se repete em todas as universidades. A disciplina é ministrada pelo professor Hayaldo Copque, coordenador do Laboratório de Estudos em Dramaturgia e Sociedade. Na disciplina conheci e trabalhei com o método de Augusto Boal (1931-2009), o Teatro do Oprimido (TO), cujas técnicas⁸ foram sistematizadas pelo autor a partir do ano de 1970.

Augusto Boal foi um dos maiores teatrólogos contemporâneos. Sua atuação no Teatro de Arena, desde a segunda metade da década de 1950, revolucionou os palcos brasileiros, inovando na encenação e trazendo temas que até hoje nos tocam. Segundo Augusto Boal (1983), todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem e o teatro é uma delas.

Os/as que pretendem separar o teatro da política, pretendem conduzir-nos ao erro– e esta é uma atitude política. O teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente. Por isso é necessário lutar por ele.

⁷ Para aprofundar os estudos sobre Lélia Gonzales, sugiro a leitura de *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, publicado em 1983, *Por Um Feminismo Afrolatinoamericano*, de 1988 e *Mulher Negra*, publicado em 2008. Sobre empoderamento, fazer a leitura do livro de Joice Berth (2019), chamado *Empoderamento*.

⁸ Teatro Jornal, Arco-íris do Desejo, Teatro Fórum, Teatro Invisível, Teatro Legislativo, Teatro Imagem e Ações Diretas.



Por isso as classes dominantes tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. Ao fazê-lo modificam o próprio conceito do que seja "teatro". Mas o Teatro pode igualmente ser uma arma de libertação. Para isso é necessário criar as formas teatrais correspondentes. É necessário transformar. (Boal, 1983, p. 13)

Enquanto eu vivenciava essas experiências novas, algo ainda me incomodava, eu sentia a falta de aprofundamento, de falar sobre as opressões contra nós mulheres, e mais, opressões sofridas por mulheres negras. Também me era estranho a palavra "oprimido", no masculino. Segundo a pesquisadora Dodi Tavares Borges Leal (2019), o teatro, nas hierarquias, na história e em seu pensamento, sempre foi predominantemente masculino e cisgênero⁹. Desta forma, o TO não está alheio a este processo. A necessidade de afirmar o feminino na área provocou a autora a formular, na sua tese de doutorado, o termo *teatra* e também a expressão *Teatra da Oprimida*.

A partir dessas inquietações, comecei a me debruçar sobre os livros, teses e desenvolver o que hoje chamo de pesquisa preta. Vale ressaltar que criei a expressão *Teatro das Oprimidas Pretas*, de maneira intuitiva, a partir dos estudos sobre o TO, antes mesmo de eu conhecer a citada *Teatra das Oprimidas* (Leal, 2019) e o *Teatro das Oprimidas*, bem como o *Laboratório Anastácia* criado por Bárbara Santos.

Bárbara Santos, socióloga e mulher preta, atuou durante 15 anos como professora na rede municipal de educação do Rio de Janeiro e trabalhou por duas décadas com Augusto Boal como coordenadora do Centro de Teatro do Oprimido (CTO). Ela é uma das idealizadoras e principal difusora do *Teatro das Oprimidas* e criou uma rede internacional de coletivos protagonizados por mulheres, em 2009, intitulada *Madalenas de Teatro das Oprimidas* que depois se assumiu *Anastácia*¹⁰. Esta rede surgiu da necessidade de implantar pautas feministas que abordassem opressões

⁹ Pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer.

¹⁰ Anastácia é a princesa de origem bantu que foi escravizada no Brasil e se tornou símbolo de resistência, ela inspirou a iniciativa de laboratórios teatrais sobre racismo (SANTOS, 2019, p.60).



vividas por pessoas socializadas como mulheres, discutindo as questões interseccionais de raça e gênero¹¹, em diferentes âmbitos.

Barbara Santos (2019, p. 60-61) aponta que as mulheres negras, apesar de constituírem a maioria entre as oprimidas, foram sempre minoria nos seus laboratórios, seminários e encontros. Nos laboratórios que ministrou, segundo a autora, trabalhou com grupos predominantemente composto por mulheres brancas. Em 2015, ela assumiu o compromisso de tentar todas as possibilidades para garantir a presença de mulheres negras e indígenas, trabalhadoras assalariadas e precárias. Passou a estar atenta também às questões étnico-raciais e de classe. Foi assim que surgiu o laboratório Anastácia.

Madalena abriu a porta para Anastácia. Não podia ser mais Madalena sem falar de racismo, sem tocar nas nossas diferenças, sem falar de nossas especificidades, sem levar em conta nossa diversidade. Minha identidade começava a se transformar de Madalena para Anastácia, na tentativa de compreender qual seria o meu lugar no mundo (...) Não podemos combater o sexismo, o machismo sem sermos antiracistas. (Santos, 2019, p. 68)

No meu caso, o TO abriu as portas para o Teatro das Oprimidas Pretas – metodologia criada por mim. Logo em seguida, abriu as portas para o Teatro das Oprimidas e para Anastácias. Portas sendo abertas, histórias sendo criadas e (re)contadas. A história e as pesquisas de Barbara Santos são hoje minha fonte de inspiração. Além disto, no decorrer das pesquisas e nos diálogos do cotidiano, conheci o feminismo negro que me inseriu por inteira na luta, dentro das pautas, mudando assim minha forma de pensar, fortalecendo o processo de construção da minha concepção preta.

Para a pesquisadora, escritora, filósofa e professora Djamila Ribeiro (2018), o feminismo negro não é uma luta identitária, mas sim, um projeto democrático. Ao estudar autores e autoras que havia lido ajudado a

¹¹ Gênero se refere ao conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser mulher ou homem na vida social na maioria da sociedade as relações de gênero são desiguais (BRASIL, 2011, p.17).



recuperar o orgulho das suas raízes, ela reconfigurou o mundo. A partir dessas perspectivas, ela finalmente se sentiu confortável nele. Tal feito foi um divisor de águas na vida dela e também na minha.

Parafraseando Ribeiro (2018, p. 21), “só então compreendi o porquê de muitas vezes eu não me identificar com um feminismo dito universal: porque as especificidades das mulheres negras não eram consideradas”. Também foi o feminismo negro que me ensinou a reconhecer diferentes saberes, a refutar uma epistemologia mestre que pretende dar conta de todas as outras. O saber da minha avó e da minha mãe, que vocês leitores e leitoras vão conhecer neste artigo, é um saber como qualquer outro.

As encruzilhadas feitas nestes meus vinte três anos de existência, o processo do autoconhecimento enquanto mulher preta e os estudos sobre o feminismo negro foram a base para compor esta pesquisa e, assim, trabalhar com minhas iguais. Acredito que o Teatro é o meu lugar de fala¹², é o nosso lugar de fala, enquanto artistas pretas e encenadoras¹³ das nossas próprias histórias.

Seguimos para a quarta: as histórias das pretas Adelize Santos, Analice Santos, Gabriela Alves, Viviane Osório e Léssya Felipe. O processo criativo do Estágio Supervisionado I com encenação: prática de montagem foi vivenciado por mim no ensino remoto emergencial em 2021, em função da pandemia do coronavírus e o isolamento social, medida tomada para evitar o contágio e o aumento do número de mortes. O ensino remoto me gerou grandes preocupações. Desconfigurou e dificultou a realização das atividades em diversas áreas.

Eu não conseguia projetar a realização do estágio, pois esperava fazê-lo presencialmente, o que era impossível naquele momento. A disciplina foi ministrada pela minha orientadora, Ana Carolina Fialho de Abreu e nos primeiros encontros ela fez um diagnóstico para conhecer as

¹² RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Pólen, 2019.

¹³ Chamar as participantes da oficina de encenadoras significa dizer que elas não são apenas as atrizes da cena, mas criadoras, encenadoras de suas próprias histórias.



minhas experiências e os meus desejos para trabalhar dentro do processo criativo de montagem cênica. Senti um grande medo em pensar que tudo aconteceria online, pois, para mim, o Teatro é a arte do encontro, da presença e tudo sofreria uma grande mudança.

A professora por sua vez, começou a fazer pesquisas, a realizar cursos online com diversos grupos de Teatro e a criar com o seu próprio coletivo, bem como planejar aulas com a temática e assuntos que colaboraram com a minha montagem. Conheci, naquele momento, várias possibilidades de trabalhar no ensino remoto, aprendi propostas de atividades que eu mesma vivenciei nas aulas antes mesmo de realizar nos ensaios. A partir daí comecei a me encorajar e a alinhar todas as minhas ideias para colocá-las em prática.

O ENCONTRO DAS PRETAS

Durante o planejamento da oficina, O Teatro das Oprimidas Pretas, eu tinha o desejo de trabalhar com as minhas referências pretas. O estágio me proporcionou realizar esta vontade. O processo foi construído por cinco mulheres. A primeira a ser convidada para fazer parte do processo foi a minha mãe Analice Santos (ver figura 2). Ela tem 49 anos e é itaquarense, mulher que luta todos os dias contra a doença de artrite reumatoide que causou nela uma limitação para realizar diversas atividades. Mãe, analfabeta que desistiu dos seus sonhos por causa do preconceito racial, teve seu primeiro contato com o Teatro assistindo uma peça na qual fiz parte em 2019, chamada *Noiva Cadáver*¹⁴. Ela ficou encantada e feliz ao receber o convite para participar da oficina.

¹⁴ Espetáculo criado a partir da adaptação do filme, "Noiva Cadáver", dirigido pela professora Maria de Souza, em 2019. Foi apresentado no Auditório Wally Salomão da UESB e está disponível no link: https://youtu.be/BtLSOI_gW3I.



Figura 2: Analice, primeira encenadora na oficina

Fonte: Ana Lécia (2021)



A segunda a ser convidada foi a egressa do curso de Licenciatura em Teatro da UESB, Viviane Osório (figura 3). Paulistana, 23 anos, fotógrafa e artista. A primeira pessoa com a qual conversei quando cheguei à Universidade. Com o convívio e as conversas, nossas histórias se entrelaçaram e me transmitiram forças para continuar na luta diária minha e das minhas iguais.

Figura 3: Viviane, segunda encenadora na oficina

FONTE: Viviane Osório (2022)





A outra participante foi Gabriela Alves (figura 4), jequieense, 24 anos, discente do curso de Licenciatura em Dança pela UESB, técnica em saúde bucal, dançarina, artista e pesquisadora. A conheci no curso e trouxe para a vida. Uma irmã de luta com quem compartilho diversos saberes e vivências.

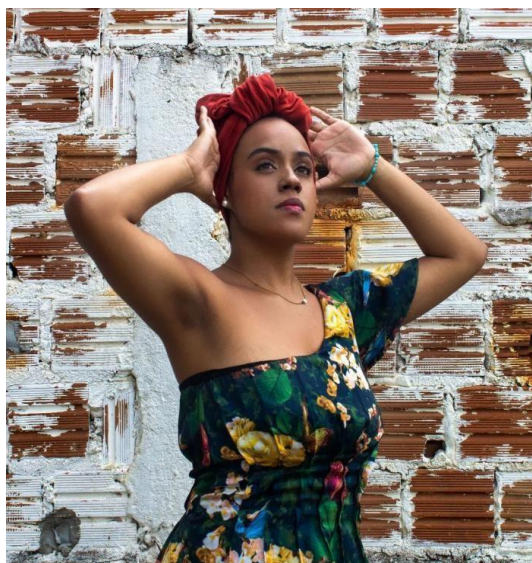


Figura 4: Gabriela, terceira encenadora na oficina

FONTE: Gabriela Alves, 2022.

A quarta participante, Adelice Santos (figura 5). Minha avó, 71 anos, itaquarense, lavradora, artesã, uma mulher que carrega uma força indestrutível, que esteve comigo antes de eu vir para o mundo. Quando fiz o convite para ela, de início foi recusado. Ela recusou por sentir muita vergonha, principalmente por ser algo vinculado à área acadêmica. Nesse momento, senti o impacto de como os saberes populares são distanciando do acadêmico.



Figura 5: Adelice, quarta encenadora na oficina

FONTE: Acervo Adelice (2007)



A quinta participante eu, Léssya, que na infância era chamada por todos de Lécinha, hoje só minha avó, Delice, me chama assim. Por falar nela, lembro que durante a minha infância fazia de tudo para que eu aprendesse coisas novas. Por volta dos meus oito anos de idade, ela entrou no curso de bordado para aprender a técnica chamada vagonite. Ela fazia questão de me levar em todas as aulas para que eu pudesse aprender também. Eu tinha uma bolsa com linhas e panos para bordar que ela comprou. Com isso, aprendi fazer vagonite e tempos depois estava trabalhando ao lado dela, fazendo toalhas de mesa, panos de pratos, entre diversas encomendas para vendas.



Figura 6: Eu, quinta encenadora na oficina

FONTE: acervo pessoal (2022)



Eu estava agraciada por iniciar um processo no qual iria trabalhar com a minha avó, com minha ancestralidade e provocar, propiciar às minhas irmãs de luta, uma pesquisa, um projeto criativo sobre a sua ancestralidade. Um convite a se desconstruir, a diminuir a distância que há entre os diversos saberes. Tratou-se de entrelaçar, conhecer e se fazer conhecer. Compartilhar e criar outras histórias.

Segundo a escritora nigeriana Ngozi Adichie (2019), as histórias importam. Muitas histórias importam. Elas foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar a dignidade despedaçada.

Adichie (2019, p. 33) finaliza o seu livro, *O Perigo De Uma História Única*, afirmando que “quando rejeitamos a história única, quando percebemos



que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso”. Também, aprendi com Chimamanda que todas as minhas histórias me fazem quem eu sou, por isso conheça a quinta participante, eu.

Após o convite, no dia 12 de março de 2021 criei um grupo no whatsapp com as participantes Gabriela e Viviane. Por lá, combinamos que os nossos encontros aconteceriam via Google Meet, todas às quintas-feiras, às 14 horas. Como estava na casa da minha avó, Adelice, com minha mãe, Analice, pela falta de disponibilidade delas, resolvi seguir o que estava no plano com Gabriela e Viviane.

PROCESSO CRIATIVO

O primeiro encontro com as participantes aconteceu no dia 25 de março de 2021. Foi o momento em que a proposta de oficina foi apresentada, bem como os materiais didáticos que iríamos nos debruçar durante o processo. A ideia foi a seguinte: a partir da oficina, durante a oficina, criaríamos uma cena gravada por nós mesmas, em nossas próprias casas.

Compartilhei com as participantes o livro Lugar de Fala, de Ribeiro (2015); o livro Empoderamento, de Berth (2015) e dois livros de Boal, Teatro do Oprimido de 1992 e Jogos para Atores e não Atores (2007). Nesse encontro pedi para que elas se apresentassem e falassem as suas expectativas para a oficina. Pedi que trouxessem para o próximo encontro um objeto-afeto, um objeto que representasse algo para elas, no âmbito afetivo. Assim, começamos a primeira etapa da oficina: pesquisas sobre a nossa ancestralidade.

O segundo encontro, Afetividade e história dos objetos, aconteceu dia 08 de abril de 2021. Comecei essa aula com a leitura de um trecho do livro de Berth (2015, p. 36):



O empoderamento refere-se a princípios como a capacidade de indivíduos e grupos agirem para garantir seu próprio bem estar ou seu direito de participar da tomada de decisões que lhes diz respeito.

Mesmo que as participantes Adelice e Analice não se autodeclarassem integrantes do feminismo negro, acredito que esse processo foi importante para que elas percebessem que elas podem ser encenadoras de suas próprias histórias, tomando as decisões que lhes interessa e não as que a sociedade as impõe. Indiretamente elas estavam discutindo pautas do movimento, como o empoderamento. A leitura da citação de Berth foi a mola propulsora para que, de certa maneira, elas refletissem sobre o seu próprio bem estar e sobre as tomadas de decisões.

Nesse encontro, as encenadoras Viviane e Gabriela apresentaram os objetos escolhidos por elas. Gabriela levou um brinco no formato de uma mulher com cabelo Black. Ele foi um brinde que recebeu no seu primeiro Encontro das Pretas, crespas e cacheada¹⁵. Ela relatou que este acessório faz com que ela lembre da sua mãe (*in memoriam*). O brinco, segundo Gabriela, a representa e a acompanhou em muitos lugares.

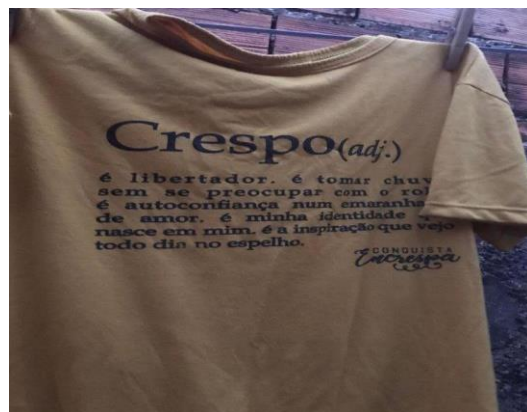
A participante Viviane, por sua vez, apresentou dois objetos, uma blusa com a definição de *crespo*¹⁶ (figura 6), presente de sua irmã Liliane, e um pente garfo também usado pela irmã. Ao apresentar o objeto, Viviane relatou a importância deles tanto para ela, quanto para a irmã. Objetos-resistência pela representação e força transmitida por eles e pela dona do objeto que a ajudou, incentivando-a no seu processo de transição capilar.

¹⁵ Encontro das pretas, crespas e cacheadas que acontecia anualmente na cidade de Jequié/BA. Era o encontro de mulheres pretas que contavam relatos sobre o processo de transição capilar e o preconceito enfrentado durante esse processo. O evento era patrocinado por algumas lojas da cidade e sempre acontecia sorteios de brindes para as participantes.

¹⁶ Transcrição da camiseta: Crespo (adj). é libertador, é tomar chuva sem se preocupar com o rolê. é autoconfiança no emaranhado de amor, é minha identidade que nasce em mim, é a inspiração que vejo todo dia no espelho. Conquista encrespa.



Figura 7: Objeto escolhido pela participante Viviane, presente da sua irmã Liliane
FONTE: Viviane Osório (2022)



O pensar em trabalhar com os objetos das referências, que traziam uma memória afetiva para as participantes, veio da inspiração do jogo que a professora Ana Carolina mediu em uma de suas aulas. Trata-se de um jogo criado por um dos integrantes do grupo peruano Yuyachkani¹⁷, Augusto Casafranca. O jogo faz parte de uma oficina de teatro online mediada pelo ator e realizada pela professora. A oficina de Casafranca se chama Pukllay: teatralidades andinas, memoria y subversión, atualmente, está sendo ofertada no formato presencial.

No jogo original, os (as) participantes escolhiam um objeto em sua casa que trazia uma memória afetiva, depois, as pessoas deveriam observá-lo, sentir a textura, o cheiro, as fibras (se fossem roupas) e pensar sobre as lembranças que esse objeto trazia. Na sequência, se iniciava uma rodada de apresentações, de compartilhamento das histórias desse objeto, relevando-o e relatando as sensações ao compartilhar essas memórias. Para finalizar, era chagada a hora da subversão, inventar uma nova história fictícia para o objeto: dessacralizar o sagrado, tornando-o

¹⁷ Grupo cultural peruano, fundado em 1971. Yuyachkani batalha por memórias escondidas, pensam e colocam em prática através do Teatro a possibilidade de ampliar a visibilidade de culturas originárias dos homens e mulheres dos Andes, amazônicos e afrodescendentes, que desde o Peru-Colônia são ameaçadas pelas políticas de branqueamento.



mais sacro. Um jogo que convida os(as) participantes a treinarem a escuta ao outro e ao coletivo, a des-privatizarem suas memórias íntimas e, por fim, inserirem-se, através do jogo, em narrativas contra-hegemônicas sobre o mundo.

Adaptando o jogo de Casafranca, o dividi em quatro momentos. No primeiro, solicitei que as participantes observassem os objetos, sentissem a textura, a forma, o cheiro, enquanto a música *Um Corpo no Mundo*, de Luedji Luna (2017), era reproduzida. No segundo momento, com a mesma música, pedi que elas investigassem os objetos, realizando um contato ativo entre seus corpos e os objetos escolhidos. A ideia era abrir espaço para fazer o estudo da ancestralidade através do contato-afeto com o objeto e com a memória. O que esse objeto revelava? Qual história ele tinha? Quais novas histórias esse objeto poderia criar com o meu corpo em movimento?

No terceiro momento, foi realizada uma seleção e repetição de três desses movimentos. Cada uma apresentou sua sequência no seu tempo, para que a outra pudesse observar. Para finalizar, pedi que elas saíssem da sala virtual e no mesmo espaço que estavam nas suas casas, posicionassem suas câmeras e gravassem (se possível que colocassem a música) elas mesmas, variando a partitura corporal, fazendo-a rápida, lenta, etc. E pedi que ao finalizar, elas enviassem o vídeo gravado¹⁸ para o grupo.

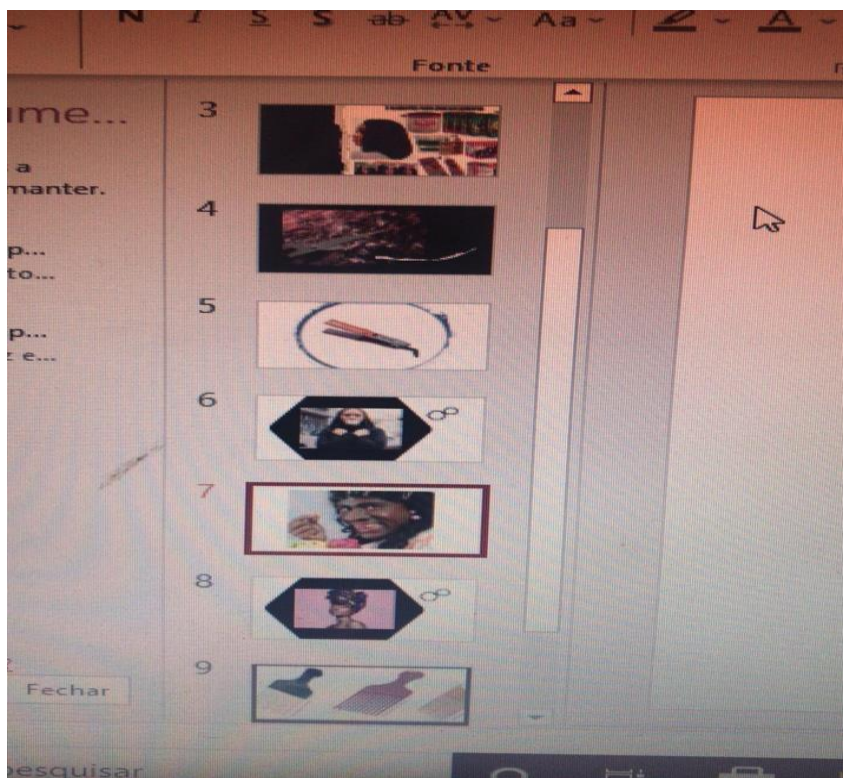
No terceiro encontro, trabalhei com as participantes as leituras de diversas imagens que aparecem logo a seguir (figura 7). Trata-se de imagens de objetos que fizeram parte da omissão de minhas/nossas raízes negras. Objetos que reforçam os estereótipos e o preconceito racial. A cada imagem apresentada abríamos um diálogo. A primeira imagem apresentada foi de potes de alisantes com o título: alisante para cabelos

¹⁸ Link do vídeo gravado pela participante Gabriela, durante o jogo mediado no encontro do dia 08 de abril de 2022: <https://youtu.be/2U3d8Qeexwc>.

respos. A segunda, de uma tesoura sob um cabelo cacheado. A terceira, de uma chapinha usada para alisar os cabelos. A quarta, de uma mulher negra com uma fita adesiva tampando a sua boca. A quinta, a personagem Adelaide, de um programa de TV aonde a chamada era "a mendiga do metrô". A sexta, uma mulher negra com turbante. A sétima imagem, pentes garfos e, para finalizar, a oitava imagem, Viola Davis¹⁹ recebendo o Oscar como melhor atriz, em 2021.

Figura 8: Print do slide que foi apresentado na oficina

FONTE: Acervo pessoal (2021)



Durante a exibição das imagens, fomos comentando cada uma delas. As encenadoras relataram momentos de opressão e de resistência vividos nas suas vidas. Elas falaram de suas dores e de superação. Foi um momento muito emocionante, pois mesmo sendo próximas e estudando juntas, nunca

¹⁹ Viola Davis é atriz e produtora norte-americana. Considerada como uma das maiores e mais versáteis atrizes das artes cênicas. Em 2017 ganhou o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante por seu desempenho em *Fences*.



tivemos este momento de compartilhar estas histórias. A oficina possibilitou um momento seguro para contarmos nossos relatos. Havia muitas semelhanças em nossas experiências.

Logo após o encontro, enviei o slide para Gabriela e Viviane e pedi para que elas realizassem esta atividade com as suas referências pretas, as donas dos objetos que elas tinham escolhido no início do processo. Neste caso, Viviane com sua irmã Liliane, e Gabriela – como sua referência não se encontra mais entre nós (mãe) – preferiu repetir o exercício com ela mesma e refletir sobre sua própria percepção, provocadas pelas imagens. Abaixo está um texto produzido por Gabriela Alves, no dia 04 de maio de 2022, a partir dessa atividade de leitura das imagens:

A primeira impressão é aquela que fica, o olhar no cabelo, a roupa, os acessórios[...] define quem é você, sua personalidade, diversidade, traços e origens diferentes que contam sua história. Uma história que carrega uma trajetória de riquezas, que passa por gerações que são levadas ao longo do caminho, deixando marcas, vivências e com a certeza que o caminho foi mais uma vez trilhado. Sou forte ao olhar, sou forte ao pronunciar, sou forte ao dizer que tenho um legado que estabeleci e estabeleço. Onde eu vivo, onde eu passo e o que quero. São esses os ensinamentos que hoje me fazem favorecer, meu cabelo armado do jeito que eu quero. Seja ele trançado, molhado, com meu turbante, consigo dizer que até aqui precisei me encontrar, mas não a sair na rua. Mas procurei me ver no espelho e perceber que meu corpo iria dizer por si só. Sou Gabriela, não é só Gabriela! Não é por ter esse nome, mas por me reconhecer. Gabriela que carrega com ela tudo aquilo que seu corpo pode expressar. As memórias, as memórias, os meus ancestrais, os meus ancestrais é o meu legado que marco, entrego.

Viviane escreveu um texto dramático a partir da mesma atividade, compartilhado comigo no dia 09 de maio de 2021.

Liliane: Mamãe, conta uma história para mim.

Vó: Venha cá filha que vou te contar uma história de uma princesinha muito linda parecida com você. *Pausa.* Era uma vez uma princesa dos cabelos cacheados chamada Lidiane, ela teve uma adolescência baseada em dor. Tudo começou quando ela viu um produto que prometia baixar os volumes dos seus cabelos. As embalagens eram o que mais chamava atenção da princesa, de



um lado a menina com os cabelos crespos, do outro lado a mesma menina com os cabelos alisados. Pausa. ela desejou ter o mesmo resultado.

Liliane: Mas mamãe, como ela queria ter o mesmo resultado, se ela tinha o cabelo tão lindo?

Vó: Porque ela queria se livrar das ofensas do dia a dia. Mas o rótulo da embalagem não avisava que ela ficaria escrava do alisamento. Eram minutos

de tortura sentada na cadeira esperando o produto agir. Muitas vezes causava ferimentos na cabeça.

Mãe: Ela achou que só o produto não seria eficaz, ela fez o uso também da prancha. Assim ela viveu por anos e anos, até que um dia falou: eu não aguento mais.

Liliane: Mamãe, o que aconteceu com a princesinha?

Mãe: Nesses anos ela conheceu outras princesinhas negras, que foram incentivando Lidiane a assumir seus cachos e tirar toda aquela química através do corte. Certo dia Lidiane fez isso e foi um processo libertador.

Vó: Assim assumindo suas raízes. Mãe: Sua história.

Vó: Sua identidade.

A partir desse encontro, com Gabriela e Viviane, iniciei os encontros com as encenadoras Adelice e Analice, minha mãe e minha avó. No início, comecei apresentando o slide com as imagens e juntas conversamos sobre o que elas representavam, sobre as diversas formas de opressão. Analice relatou que desistiu da escola pelo fato de não ser aceita, por ser negra. Ela não aguentava mais as críticas, as ofensas e acabou desistindo dos seus sonhos. Adelice também não concluiu seus estudos, durante nossa conversa ela disse: "não tive escolha, precisei sair da escola, porque no meu tempo precisava trabalhar na roça e no lar para cuidar dos meus filhos".

Neste momento de escrita, de reflexão sobre as experiências vivenciadas em diálogo com minhas referências bibliográficas, lembrei-me de um momento do livro Teatro das Oprimidas, em que Bárbara Santos (2019) fala sobre as estatísticas, aonde as mulheres negras são as que trabalham mais horas e as que estudam menos tempo. São elas que têm jornadas duplas, triplas, quádruplas de trabalho e, apesar disso, são as que ganham menos, as que têm menos oportunidades e enfrentam mais obstáculos. "As mulheres negras são as que têm que fazer o dobro do esforço para obter a metade do lucro. As mulheres negras são as que têm



menos tempo para si mesmas" (Santos, 2019, p. 61).

Acredito que as falas de Santos contemplam os motivos causadores do impedimento da participação ativa de Adelice e Analice na oficina. Minha avó e minha mãe fazem parte desta estatística, começaram a trabalhar cedo e abandonaram os estudos, uma para trabalhar e a outra por não suportar o racismo que sofria.

Nós mulheres nascemos e as funções sociais que iremos exercer nos são destinadas. É uma caixinha na qual nos colocam e nos direcionam ao que podemos ou não fazer. Portanto, se formos fazer outras atividades, como participar de uma oficina de teatro, como o caso da minha avó e minha mãe, mesmo do interesse delas, não era colocado como sua prioridade, pois existe uma cobrança da sociedade para que elas realizem as tarefas que são colocadas como "coisas de mulher" e que, infelizmente, são normalizadas por elas.

Em seu livro, *Interseccionalidade*, a mestra e doutoranda em Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismos pela UFBA, Carla Akotirene (2021), explica que a interseccionalidade é um sistema de opressão interligado (raça, classe e gênero). O termo define um posicionamento do feminismo negro frente às opressões da nossa sociedade cisheteropatriacal branca e de base europeia, desfazendo a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única. Para a autora, o patriarcado é um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres. É reforçado pela religião e família nuclear que impõem papéis de gênero, desde a infância, baseados em identidades binárias, informadas pela noção de homem e mulher biológicos.

O papel imposto pela sociedade a minha mãe e minha avó não foi o de fazer Teatro, o de brincar, dançar, criar e se empoderar, mas sim o de trabalhar, cuidar, cozinhar. Acredito que com a oficina sendo mediada com elas, dentro de minha própria casa, fez a presença de momentos de



descontração, diálogo, partilhas, reflexão e criticidade.

SEXTA E ÚLTIMA: A HISTÓRIA DE GBONGO MI

Entre o intervalo de um encontro para o outro, na roda viva das atividades, compartilhamos desde os materiais de cena que já tínhamos criado, dos vídeos já produzidos, dos textos escritos através do grupo que criamos no whatsapp. Compartilhamos também o poema Não desiste negra de Mel Duarte (2016), que transcrevo na íntegra pela maneira com que ele revela o que chamo de O Teatro das Oprimidas Pretas.

Não desiste negra, não desiste. Ainda que tente lhe calar.
Por mais que queiram esconder. Corre em tuas veias força loruba
Axé. Pra que possa prosseguir. Eles precisam saber.
Que a mulher negra quer casa pra morar. Água pra beber, terra pra
se alimentar.
Que a mulher negra é ancestralidade. De imbês e atabaques.
Que ressondam os pés. Que a mulher negra tem suas convicções.
Suas imperfeições. Como qualquer outra mulher. Vejo que todas
nós. Negras meninas. Temos olhos de estrelas. Que por vezes se
permitem constelar.
O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza. Duvidaram
das nossas ciências.
E quem antes atendia pelo pronome alteza. Hoje, pra sobreviver
lhe sobra o cargo de empregada da casa.
É preciso lembrar de nossa raiz. Semente negra de força
matriz. Que brota em riste, mãos calejadas.
Corpos marcados, sim. Mas de quem ainda resiste. E não desiste,
negra, não desiste.
Mantenha sua fé onde lhe couber. Seja espírita. Budista
do candomblé. É teu desejo de mudança.
A magia que trás da tua dança. Que vai lhe manter de pé. É,
você, mulher negra.
Cujo tratamento majestade é digno. Livre, que arma seus crespos
contra o sistema.
Livre pra andar na rua sem sofrer violência. E que se preciso, for
levanta a arma, mas antes.
Antes luta com poema. E não desiste, negra, não desiste. Ainda que
tentem lhe oprimir.
E acredite, eles não vão parar tão cedo. Quanto mais você se
omitir. Eles vão continuar a nossa história escrevendo. Quando
olhar para suas irmãs.
Veja que todas somos o início. Mulheres negras, desde os primórdios.
Desde os princípios. África mãe de todos. Repare nos teus traços,
indícios. É no teu colo onde tudo principia. Somos as herdeiras da



mudança de um novo ciclo. E é por isso que eu digo. Que não desisto. Que não desisto. Que não desisto. (Duarte, 2017)

Na sequência, dia 6 de maio de 2021, tive um encontro com Viviane e Gabriela, desta vez com a participação da minha orientadora Ana Carolina. Esse dia eu trabalhei na criação de uma microcena. Trabalhei com dois dos jogos de Boal: Anda, Para, Justifica e Índios na floresta que podem ser encontrados no livro Jogos para atores e não atores (1992). Nesse dia, também trabalhei com o poema de Mel Duarte, Não Desiste Negra. Com todo este material fomos criando partituras corporais.

Em Anda, Para, Justifica, na sua versão original, os atores e atrizes devem caminhar pela sala de ensaio de maneira estranha e bizarra. De tempos em tempos, a diretora dirá PARA e pedirá a cada um dos atores e atrizes que justifique sua postura dizendo alguma coisa que faça sentido, por mais absurda que seja. Na variante Hamlet, os atores assumem atitudes das personagens dessa peça e dizem a parte do diálogo correspondente (Boal, 1992).

Na minha adaptação, realizei da seguinte forma: antes de iniciarmos pedi para que as participantes fizessem andanças pela sua casa e escolhessem um lugar onde elas menos ficavam. Na sequência, compartilhei uma tela com o poema para realizarmos a leitura. Após isso, cada uma escolheu uma frase do poema que foi transcrita para o chat da plataforma meet, para que todas pudessem visualizar sua frase. Pedi para que as encenadoras pegassem os objetos de suas referências pretas do outro encontro e começassem a realizar movimentos com eles, ao som da percussão afro do álbum intitulado Full²⁰.

Ao meu comando, as encenadoras paravam, criavam uma imagem com o objeto e falavam a frase escolhida de diversas maneiras: sussurrando, baixo, alto, articulando, etc. Primeiro foram algumas rodas juntas e depois individualmente, sem ordem. No final, pedi para que as

²⁰ Disponível no link: https://youtu.be/zSdwo_gsXS4.



participantes saíssem da chamada e fossem até o local informado no início do jogo, lá elas posicionaram sua câmera e gravaram um vídeo a partir das quatro improvisações. Pedi para que elas enviassem o vídeo para o grupo e entrassem na chamada novamente.

O jogo Índios na Floresta, originalmente, é ministrado da seguinte forma: cria-se filas de cinco atores e atrizes. A pessoa da frente da fila é o chefe que deve imaginar uma situação real ou fantástica, com indígenas (de fantasia, não os verdadeiros) na floresta através de guerras, pescarias, caçadas, dança religiosas (rituais) etc. Ela tem que se locomover pela sala fazendo sons e gestos rítmicos que devem ser repetidos com exatidão pelos outros quatro atores atrás dela. De tempos em tempos, o diretor trocará o chefe, que irá para o fim da fila e será substituído pelo ator ou atriz que estiver atrás dele. No final, os quatro "índios" de cada chefe contam onde pensavam que estavam, e o chefe conta onde imaginou levar os companheiros (Boal, 1992).

Esse jogo foi realizado de maneira adaptada, as filas foram formadas pela ordem dos quadrantes que apareciam na minha tela. A primeira encenadora teria que contar uma história real sobre o objeto e outra fictícia. A qualquer momento a história poderia ser interrompida por outra encenadora que continuaria contando uma história com o seu objeto. Não tinha ordem, se começaria com a história real ou não real. O jogo tinha duas rodadas, quem começou apontava o seu objeto para a câmera e as demais falavam o que lembrava do que foi falado sobre o objeto, na sequência, a participante que contou a história daquele objeto revelaria a real história dele.

Após o encontro fui assistir aos vídeos enviados pelas encenadoras. Com isso, dividi o poema em várias partes e depois enviei para Gabriela e Viviane para que elas estudassem o poema e memorizassem. Até o dia 09 de maio de 2021, elas faziam o envio de um vídeo para mim, no espaço escolhido, fazendo a leitura dramática do poema.



No dia 10 de maio de 2021, as encenadoras Analice e Adelice

gravaram um áudio reproduzindo a história da Liliane, a irmã de Viviane. No mesmo dia fiz uma pequena gravação delas, realizando atividades que elas gostavam de fazer em casa (figuras 8 e 9).

Figura 9: Encenadora Analice realizando a atividade que gosta, lavando louças

FONTE: Acervo pessoal (2021)



Figura 10: Encenadora Adelice realizando a atividade que gosta, fazendo bordados.



FONTE: Acervo pessoal (2021)



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do processo com minha mãe e minha avó despertou nelas uma tomada de consciência e política quando o assunto é a mulher negra e a ocupação dos seus espaços dentro da sociedade. Elas, por não terem completado o ensino básico, assistiram trabalhos meus que foram resultados de disciplinas da academia e hoje estão construindo junto a mim um trabalho cênico e pedagógico, trabalhando com a linguagem da arte que é o teatro e desconstruindo pensamentos que desvalorizam seus saberes mediante os saberes acadêmicos.

Seus depoimentos nos revelam que não se trata apenas de uma questão tempo para realizar atividades que não sejam atividades domésticas, mas trata-se de consequências do impacto que os pensamentos machistas e racistas, estruturados na nossa sociedade, causam nas mulheres negras. Quantas Analices têm por aí? Analices silenciadas, que desistiram de seus sonhos pelo racismo. Quantas Adelices têm por aí que abriram mão dos seus sonhos, porque são direcionadas a realizar tarefas, sendo estas prioridades?!

Percebo e vejo mudanças após o trabalho construído com elas. Minha avó que antes não priorizava seu lazer, hoje não se prende mais pelas tarefas domésticas. Enquanto minha mãe que antes reproduzia o que foi imposto, aonde certos tipos de tarefas são destinadas à mulheres, hoje, afirma que ela pode fazer tudo o que quiser e que as tarefas domésticas não são atividades existentes só para as mulheres, mas também para os homens.

Todo este processo concedeu um fruto, um produto audiovisual, minha filha que nasceu no dia 06 de julho de 2021, às 23 horas e 49 minutos. Batizei-a de *Gbongo Mi* que significa “minhas raízes”, em iorubá. Este fruto é resultado de muito amor, boas energias, forças, esforços e resistência. Seguindo o cronograma da disciplina, o mundo conheceu *Gbongo Mi* no dia 12 de julho de 2021, por meio da plataforma do Youtube no canal Licenciatura em Teatro²¹.

²¹ https://youtu.be/845C0KZRcok?list=PLpgNzes5idg_hnyQ2xUTMJTDXKhBzLr7w



As microcenas gravadas se iniciam com a história de Liliane, irmã de Viviane, a história está sendo contada pelas encenadoras Adelice e Analice. Enquanto passa, as encenadoras executam as atividades que gostam. A segunda microcena é o texto de Gabriela sendo apresentado pela própria, a cena continua com a Gabriela e Viviane fazendo movimentos com objetos de suas referências pretas, ao som da música de Luedji Luna, *Um Corpo No Mundo* (2018). A última microcena é a recitação do poema de Mel Duarte, *Não desiste Negra*.

Dia 14 de outubro de 2021, a cena foi contemplada no edital 143/2021 do 1º Festival de Cenas Curtas da UESB e exibida na plataforma do Youtube pelo canal da TV Uesb. Foi uma alegria muito grande ver este fruto sendo compartilhado com mais pessoas. O objetivo era que, através de *Gbongo Mi*, outras vozes comesçassem a ecoar, outras histórias pretas comesçassem a ser contadas.

Nestas considerações finais, compartilho também que O Teatro das Oprimidas Pretas não parou em 2021, ele seguiu firme em outros estágios do curso. Estágio Supervisionado II: práticas de montagem na educação básica possibilitou o trabalho com alunas do Colégio Milton Santos (Jequié) e do Gersino Coelho (Itaquara), a escola em que estudei o fundamental I e II. No Estágio Supervisionado III: práticas artístico pedagógica na educação básica, trabalhei com alunos do Ensino para Jovens e Adultos - EJA do Colégio Luiz Viana Filho (Jequié), e o Estágio Supervisionado IV: práticas artístico pedagógica em projetos de extensão. A oficina foi aberta para todas as mulheres que se autodeclararam negras e pretas e que tivessem entre 18 e 50 anos. Atualmente, na cidade de Itaquara, venho desenvolvendo encontros com mulheres pretas do município.

Desde que criei o projeto, sigo com a vontade de montar um grupo permanente de pesquisa e criação das Oprimidas Pretas na cidade de Itaquara, mas tenho recebido poucas mulheres nas atividades, o que faz com que não tenhamos encontros toda semana. A indisponibilidade das participantes se dá pelo mesmo problema, por terem que desenvolver diversas tarefas diariamente,



o que, infelizmente, faz elas se distanciarem de projetos como esse, projetos que são de seu interesse. O problema é persistente, mas sigo com o Teatro das Oprimidas Pretas, conscientizando e propondo este espaço artístico pedagógico, para que através da arte possam contar suas histórias, desconstruir opressões e despertar em si a vontade de pesquisar sua ancestralidade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Tradução de Sueli Carneiro. São Paulo: Polén, 2019.

BOAL, Augusto. **Estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando a nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Tradução de Sueli Carneiro. São Paulo: Polén, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Campanha das Letras, 2018.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Teatra da oprimida: últimas fronteiras cênicas da pré-transição de gênero**. Porto Seguro: UFSB, 2019.

PAULINO, Leonardo Augusto. **O que pode uma ecodrag? Processos criativos “cuier”, potências de vida e poéticas ecobiográficas**. 2020. 361 f.: il. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SANTOS, Barbara. **Teatro Das Oprimidas**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.